

**Título: Corpo e Dança Novas Estratégias de Comunicação do Discurso Cristão  
Protestante<sup>1</sup>.**

Paula Francisco SALLES<sup>2</sup> (FPA)

**RESUMO**

Nas últimas décadas evidencia-se, em algumas comunidades cristãs protestantes, um fenômeno que tem se intensificado e diz respeito a uma profunda transformação na imagem do corpo dos cristãos, em que a dança tem aparecido como forte mediadora nesse processo afetando o modo de comunicação do discurso teológico e ideológico, dentro e fora das igrejas. O objeto desta pesquisa é o papel da dança na transformação da imagem do corpo cristão protestante e como a divulgação dessa nova imagem, nas mídias, altera os mecanismos de comunicação na igreja e na sociedade. Este artigo é fruto da dissertação de mestrado, **A Nova Comunicação do Corpo Cristão: a transformação da imagem do corpo sagrado na mídia**, de natureza teórico-prática, esse estudo uniu revisão videográfica e pesquisa de campo em: Grupo de Dança Gospel —Livres para Dançar; Ministério de Dança – da Igreja Renascer em Cristo de Osasco; Festival de Dança Gospel —Abba Dance – 2013; e III Seminário —Marcas de Dança – Alargando Tendências. Também foi realizada coleta de material de divulgação de outros grupos de dança de igrejas protestantes. Consideramos que a dança mostra-se como diferente estratégia adaptativa do discurso puritano. De um lado, a dança pode ampliar a experiência religiosa do fiel, dentro da igreja, à medida que reorganiza percepções, sentidos e teologias, assim como pode promover diálogos mais conciliadores com outros aspectos culturais, políticos e sociais; de outro a dança pode ser forma de docilização do corpo cristão protestante. A revisão bibliográfica centrou-se, na Teoria Corpomídia (KATZ & GREINER, entre 2001 e 2010); Damásio (2011) que define o conceito de imagem; Cunha (2004); Mendonça (1995); Mendonça & Velasques Filho (2002); Gomes (2006); Alves (1982) sobre protestantismo; Coimbra (2005) e Gualberto (2007), para investigação da dança nas igrejas.

**Palavras-chave:** Corpo. Corpomídia. Cristão. Dança. Imagem.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em São Paulo, SP, 27.08.2015.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP como pesquisadora bolsista do CNPq é membro dos grupos de pesquisas CED – Centro de Estudos em Dança (PUCSP) e MIRE – Mídia, Religião e Cultura (UMESP), possui bacharelado e licenciatura em Dança pela UNICAMP. Atualmente é docente na Faculdade Paulista de Artes nos cursos de Licenciatura em Dança e em Teatro.  
Email – sallespaulete@hotmail.com

**Title: Body and Dance New Communication Strategies of the Protestant Christian Speech**

**ABSTRACT**

In recent decades in some Protestant Christian communities a phenomenon that has intensified and concerns a profound transformation in the image of the body of Christians in that the dance has appeared as a strong mediator in this process affecting the communication mode of the theological and ideological discourse inside and outside of the churches. The object of this research is the role of dance in the transformation of Protestant Christian body image and how the dissemination of this new image, in the media changes the communication mechanisms in both church and society. This article is the result of the master's thesis "The New Communication of the Christian Body: the transformation of the sacred body image in the media", theoretical and practical nature, this study has put together video review and field research of the Gospel dance group — Free to Dance, the dance Ministry-Church – of the Church "Reborn with Christ of Osasco", the Gospel Dance Festival — Abba Dance-2013 and the III Seminar — Dance Marks – Extending Tents. Was also held a collection of material for dissemination of other dance groups of Protestant churches. We believe that the dance shows how different adaptive strategy of sanctimonious speech; on the other hand, the dance can broaden the religious experience of the faithful in the Church reorganizing perceptions, senses and theologians, as well as, can promote more conciliatory dialogue with other cultural, political and social aspects, the dance can be a form of careful Protestant Christian body. The literature review focused mainly on Corpomídia Theory KATZ GREINER; DAMÁSIO that defines the concept of image; CUNHA; GOMES; MENDONÇA; MENDONÇA & VELASQUES FILHO and ALVES about Protestantism and COIMBRA; GUALBERTO for dance research in the churches.

**Keywords:** dance; body; Christian; image; bodymedia.

## 1.0 - A Cultura Gospel

Na década de 90, deu-se início no Brasil um fenômeno entre os cristãos identificado e denominado pela pesquisadora, Magali Cunha (2004), como a explosão gospel. Tal fenômeno teve, nas igrejas protestantes neopentecostais, as maiores responsáveis por sua catalização e difusão.

Segundo Cunha (2004), trata-se de um novo comportamento dos protestantes, que abre espaço para o surgimento de uma cultura gospel, um “novo jeito de ser evangélico” influenciado pela globalização – em que as novas tecnologias de comunicação, o consumo e o culto ao corpo são fortes referências. A autora afirma ainda que a cultura gospel é alicerçada no tripé: música, consumo e entretenimento.

A música, afirma Cunha (2004), foi a maneira encontrada pelas igrejas neopentecostais para difundir esse novo comportamento, para o qual os investimentos primordiais concentraram-se no jovem fiel. As igrejas começaram a atribuir às letras de cunho religioso melodias e ritmos populares, como o reggae, a balada e o rock. Hoje tem-se acesso a uma diversidade de músicas gospel que incorporam ainda outros ritmos, como o samba, o axé, o forró e o funk. Conforme constata a pesquisadora em sua tese de doutorado<sup>3</sup>, a diversificação da musicalidade religiosa gerou uma série de mudanças, dentro e fora das igrejas. Uma delas foi que as pessoas responsáveis por cantar nas igrejas, conhecidos entre os protestantes como líderes de louvor, passaram a transitar também no mercado musical fora da igreja, com outros cantores populares.

A expansão desse mercado da música teve como consequência outras mudanças, por exemplo, a promoção de shows de lançamentos dos cantores protestantes feitos em espaços apropriados para grandes eventos musicais ou mesmo em estádios, modo pelo qual o jovem, antes restrito aos limites físicos das igrejas, passou a circular em outros espaços, da mesma forma como vivem os demais jovens fora das religiões protestantes.

---

<sup>3</sup> “Vinho novo em odres velhos. Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil”, 2004. [Doutorado] São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo,. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-29062007-153429/>>. Acessado em Maio de 2013.

Dessa maneira, o artista gospel<sup>4</sup>, como passou a ser conhecido, torna-se o principal difusor das mudanças de comportamento, dentro e fora da igreja, pois passa a transitar nos dois ambientes e a levar consigo fiéis ou fãs. Sua imagem<sup>5</sup> é divulgada, nas diversas mídias, como programas de televisão e festivais de música fora do circuito gospel. Assim, inova-se na ideia de que o jovem fiel não precisa mais isolar-se para propagar a sua fé, que o prazer e o entretenimento (por muitos anos restringidos ou mesmo banidos nas igrejas protestantes mais conservadoras) podem agora ser usufruídos. (CUNHA, 2004; ALVES, 1982; MENDONÇA 1995; MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 2002; GOMES, 2006).

Cunha (2004) chama a atenção ainda para o consumo dos produtos gerados pela indústria gospel. Tal consumo passou a ser incentivado e justificado como um bem simbólico, e chega a ser considerado sagrado, à medida que – ao consumi-lo – o fiel passa a ser co-responsável para a divulgação da palavra de Deus na terra.

Desse modo, sob outra roupagem, o discurso puritano dá continuidade a uma de suas principais crenças; o conversionismo; assim como foi herdado majoritariamente do protestantismo calvinista missionário norteamericano que chegou ao Brasil no final do século XIX. (CUNHA, 2004; MENDONÇA 1995; MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 2002; GOMES, 2006). Esse puritanismo de raízes estadunidenses acredita que, quanto maior o número de adeptos ao “verdadeiro” cristianismo puritano, maior a possibilidade de ter uma nação salva.

O atual protestantismo brasileiro, de origem missionária, ainda é conversionista. O individualismo conversionista produz ética também individualista, altamente excludente, não só no ambiente cultural, mas capaz de romper os laços familiares mais íntimos. (MENDONÇA, 2002)

Ainda que haja controvérsias, entre igrejas conservadoras e liberais, sobre o modo como essa música tem sido usada para propagar o protestantismo, o fato é que a música sempre fez parte da formação cristã protestante, usada para congregar os fiéis,

---

<sup>4</sup>Segundo Cunha (2004), o termo artista gospel é mais utilizado para artistas que se consagraram fora das religiões protestantes, e que posteriormente se converteram e deram continuidade as suas carreiras com a música gospel. A autora lembra ainda que membros que sempre atuaram como cantores ou pastores, dentro das igrejas, e passaram a ter carreira artística fora delas, preferem não ser chamados de artistas, pois são considerados como levitas. Neste artigo usaremos o termo artista gospel para identificar todos aqueles que transitam dentro e fora da igreja, através da música ou da dança gospel.

<sup>5</sup> Posteriormente neste artigo trataremos o conceito de imagem, definido pelo neurocientista Antônio Damásio (2011), que será aqui utilizado.

causar emoção ou comoção, a fim de que possam comungar dos mesmos sentimentos e ideais. A adaptação dos hinos das igrejas às melodias brasileiras não é novidade criada pelas igrejas neopentecostais, no início do século XX, o Pentecostalismo Histórico já havia feito isso com as músicas de cancioneiros de viola (CUNHA, 2004), mesmo que a intenção fosse trazer mais fiéis para dentro das igrejas.

Atualmente o propósito parece ser outro: o de tornar os espaços comuns a todos, como extensão das igrejas; assim, ganha-se mais fiéis à medida que ele passa a circular cada vez mais nos ambientes externos à igreja, enquanto divulga sua fé.

Todas essas mudanças, provocadas pela música, já são elementos mais do que suficientes para análise do novo comportamento do cristão protestante, como nos traz muito bem Cunha (2004). Paralelamente a essas mudanças, houve o crescimento de outra atividade, também oriunda da cultura gospel: a dança ou a coreografia, como forma de expressão entre os fiéis. Diante do histórico do cristianismo, e especificamente do puritanismo calvinista – que marca a trajetória do desenvolvimento religiosos protestante no Brasil, pode ser considerado como fenômeno surpreendente, principalmente para aqueles que não têm acompanhado de perto as transformações ocorridas nas igrejas evangélicas no Brasil. Essa prática caracteriza de forma singular a mudança no entendimento de corpo do cristão protestante, bem como a propagação dessa imagem nos meios de comunicação.

## **2.0 - Corpo**

### **2.1 - A Teoria Corpomídia**

Uma vez que é no corpo que estão concentradas as transformações da imagem do fiel protestante, escolhemos como teoria da comunicação um entendimento de mídia que se difere do padrão usual de comunicação: a mídia entendida como veículo de comunicação – local atravessado pela informação, que nele é processada e, uma vez transformada, é devolvida ao meio.

A teoria de comunicação que escolhemos para alicerçar esta pesquisa parte do pressuposto de que o corpo é ele mesmo mídia, mídia de si, portanto Corpomídia (KATZ & GREINNER, 2001, 2003, 2004, 2005, 2008, 2010).

Ele não é um veículo pelo qual a informação atravessa, nem é um recipiente onde as informações são armazenadas. As informações transitam, entre corpo e

ambiente, como se passassem por uma membrana permeável. À medida que as informações esbarram nessa membrana e nela penetram, entram em contato com aquelas já presentes nesse corpo, pois nenhum corpo é isento delas. Assim, modificam-se entre si e também transformam o ambiente; ou seja, essas trocas nunca cessam, ocorrem num fluxo contínuo e ininterrupto; quer dizer: quando um corpo comunica algo, ele comunica aquilo que está presente em si, por isso, Corpomídia.

É importante salientar que a Teoria Corpomídia, quando denomina corpo, não se restringe somente a corpo humano, refere-se a um conjunto de elementos inter-relacionados dentro de um sistema, portanto, pode ser uma estrela, um rádio, um ser humano...

Adepta das teorias evolucionistas de Darwin, dos estudos culturais, das semióticas, de algumas vertentes das ciências cognitivas, da psicologia, da biologia, da filosofia, a Teoria Corpomídia entende que o corpo é formado pelo cruzamento de várias epistemologias e parte do princípio de que corpo e ambiente relacionam-se em tempo real e através de processos co-evolutivos, em que um interfere no outro.

Assim, a Teoria Corpomídia não considera o corpo como algo concluído e acabado. O corpo está sempre em estado de formação, uma vez que está em constante evolução – aqui entendida como sinônimo de transformação e não de progresso, pois trata de processos adaptativos. Portanto, não ocorre de modo direcional, vetorial e nem sempre leva o sistema para um estado de superação, como ocorre numa relação de progresso. O que garante a permanência mais estável de algumas formas sobre as outras é o grau de repetição das informações que aparecem no sistema. Quanto mais se repete a mesma informação, maior a probabilidade de ela se sobrepor às novas.

Quando trata de corpo humano, a Teoria Corpomídia não trabalha com a visão dualista que separa a mente do corpo, ou mesmo um entendimento de dentro e fora. O corpo é, pois, todas as relações que estabelece – independentemente de onde elas partam, interferem na organização do corpo.

Justamente devido à complexidade, pela qual é formado o corpo do fiel protestante no Brasil, é que escolhemos essa fundamentação teórica para pensar as transformações que têm ocorrido em sua imagem, em níveis: antropológicos, cognitivos, psicológicos, sociológicos, culturais – frutos de processos adaptativos do

discurso puritano, de modo que ele possa sobreviver aos tempos de globalização. Essas explicações são necessárias para tentarmos compreender de que maneira a dança tem contribuído para a transformação da imagem do corpo do fiel protestante.

## 2.2 - O Corpo no Cristianismo Protestante

A ideia cristã de corpo é forjada com base em duas culturas: o judaísmo e a filosofia grega. A primeira concebe corpo e espírito como a mesma unidade, um não existiria sem o outro; o que daria vida à carne seria o sopro que o animaria e, no vocabulário judaico, a palavra *'basar'*, teria esse significado, a representação da unidade entre carne e espírito (FLAIBAM, 2002; COIMBRA, 2005).

A incorporação da filosofia grega ao cristianismo é atribuída às interpretações das epístolas do apóstolo Paulo de Tarso e das leituras do filósofo Santo Agostinho influenciadas por: estoicismo, neoplatonismo, gnosticismo e maniqueísmo. Ela, ao contrário do judaísmo, traz a ideia dualista que separa a carne (corpo) do espírito. (COIMBRA, 2005, GÉLIS, 2010, GOMES, 2006, MAMI, 2003). Essa dualidade evidenciar-se-ia na 1ª Epístola de Paulo aos Coríntios, na qual o espírito estaria para origens celestes e apto para alcançar o reino de Deus, e o corpo, voltado para as fraquezas da carne, do pecado, portanto, corruptível e impossibilitado de alcançar o reino de Deus (GOMES, 2006).

Gomes (2006), pesquisador da ciência da religião, acrescenta ainda que o dualismo cristão, no protestantismo calvinista, firma-se na epístola de Paulo aos Coríntios, em que o corpo é concebido como morada do espírito santo; desse modo, esse corpo deveria manter-se puro para abrigar o espírito, pois carregaria a centelha divina de Deus. Essa interpretação é consequência da concepção da soberania de Deus sobre todas as coisas.

Mendonça (1995), estudioso da sociologia da religião e do desenvolvimento do protestantismo no Brasil, afirma que o puritanismo é eficiente mecanismo de adaptação do protestantismo, desde a Reforma, na Europa no século XVI, e de sua ida para os Estados Unidos, onde toma outras proporções ideológicas, pautadas principalmente no calvinismo, que desembocam no sistema político, social e cultural do país.

As divergências, nas práticas religiosas, levaram o país a criar leis que assegurassem o comportamento moral do povo estadunidense, pois desse modo

podariam proporcionar condições adequadas para a criação do reino de Deus na terra, e o puritanismo foi o meio encontrado para controlar as relações entre aqueles que seriam ou não salvos. (MENDONÇA, 1995, 2008; MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 2002)

O puritanismo norteamericano de raízes calvinista cria um protestantismo caracterizado por ser: conversionista, individualista e excludente (ALVES, 1982; MENDONÇA, 1995; MENDONÇA & VESLASQUES FILHO, 2002; CUNHA, 2004 e GOMES, 2006). É esse puritanismo que chega ao Brasil com mais ênfase, fruto de um pensamento salvacionista, no qual o povo norteamericano considera-se o escolhido para propagar o “verdadeiro” cristianismo para todas as nações e que, até recentemente, era responsável pela formação da imagem do corpo do fiel protestante nos meios de comunicação.

A criação dessa imagem, pautada nesse puritanismo, deveria distinguir o cristão protestante do cristão católico e de todos aqueles que se encontravam fora das igrejas protestantes. Baseados na moral e na disciplina, buscavam a chamada santificação do fiel pela conduta da repressão. Interessava a esse cristianismo ressaltar a soberania do espírito sobre o corpo, por isso essa santificação deveria ser visível.

O corpo, conforme esse preceito, deveria ser o templo de Deus, posto não pertencer ao fiel; ele é meio para se alcançar algo que está fora dele: o reino dos céus. Desse modo, tudo aquilo que pudesse de algum modo ocasionar a perda do controle desse corpo, fora dos desígnios considerados divinos, deveria ser banido. Segundo Alves (1982), em seu livro “Protestantismo e Repressão”, o pecado do sexo traz à tona a questão da perda de controle do corpo. A proibição do sexo antes do casamento não encerra os conflitos existentes entorno dele, uma vez que, mesmo quando o sexo é permitido, ou seja, no casamento, o casal não deveria sentir prazer com ele, pois o sexo deveria estar restrito a função de procriação. Uma vez que o prazer, proporcionado pelo ato sexual, pudesse ser valorizado, o casal poderia render-se a ele e perder o controle sobre o corpo.

O pecado do sexo é o motivo pelo qual a dança, durante muitos anos, foi abolida das igrejas protestantes mais conservadoras, pois ela era considerada como forma de incitar os desejos ou a prática sexual e, por isso, foi condenada. Além do mais, a prática



da dança significava forma de aproximação aos costumes da cultura brasileira, ou mesmo do cristianismo católico, que utilizou a dança como forma de dominação e poder sobre indígenas e afrodecendentes. “Dominar os impulsos vitais do corpo é o sinal da vitória da razão”. (SALLES, 2014, p.54). Como exemplo dessa condenação, Alves (1982) cita os registros feitos em atas de conselhos das igrejas, as considerações feitas sobre a prática da dança:

Pode um estudante crente tomar parte no baile que a sua turma faz no dia de sua formatura escolar?

Resposta: Quanto ao baile, nunca é lícito a um crente tomar parte nele. É uma festa mundana e inconveniente, que só faz mal aos sentidos.

É lícito a crentes dançar e levar seus filhos a bailes familiares ou de formaturas?

Resposta: A dança moderna, ou seja, os bailes em geral, profanos e mundanos, ou familiares, ou de clubes, ou de 'gafieiras', ou de formaturas, não cabem dentro de Filipenses 4.8-9 e 1 Coríntios 10.31. Devem ser evitados definitivamente pelos crentes. (In: ALVES, 1982, p. 177)

### **3.0 - O Conceito de Imagem**

Finalmente feitas as considerações sobre a concepção de corpo no cristianismo protestante, trazemos a definição de imagem que usamos neste trabalho para refletir sobre as mudanças ocorridas entre esses cristãos. Ela dialoga com a ideia de mídia, comunicação e corpo, absorvida da teoria corpomídia, e amplia nossa reflexão para as mídias convencionais que também afetam as transformações aqui descritas.

O conceito de imagem que adotamos foi formulado pelo neurocientista António Damásio (2011), estudioso dos processos de formação da mente e da consciência, bem como do desenvolvimento da criatividade.

Para Damásio (2011) a formação da mente e da consciência é fruto de processos evolutivos, resultantes de fluxos neuronais do cérebro. O cérebro interage com todo e qualquer objeto que produz uma ação, fora ou dentro dele. Essa interação cria um padrão neuronal de representatividade daquele objeto, o que promove um mapeamento dentro do cérebro. Os mapeamentos são portanto cartografias instáveis de representações de todas as ações que ocorrem, dentro ou fora do corpo, ou seja, em seu entorno, no ambiente em que se inserem. Cérebro e todas as outras regiões do corpo estão intrinsicamente ligados e não operam de maneira dualista.

Os mapeamentos ocorrem a todo o momento, de modo consciente ou inconsciente, e podem tanto representar novos padrões de interação, como evocar

antigos registros presentes nos bancos de memórias; além de promover possibilidades de futuras representações que ainda ocorrerão. São esses mapeamentos neuronais que Damásio (2011) denomina como sinônimo de imagens.

É importante salientar que a construção de imagens ocorre num processo interativo do corpo com o ambiente e que, tanto as imagens produzidas no corpo podem dar vazão a novos comportamentos e hábitos, que desembocam na criação ou na transformação da cultura, como o contato com novos objetos e ações presentes no ambiente podem gerar novas imagens nesse corpo (DAMÁSIO, 2011).

É exatamente para essa questão que gostaríamos de chamar a atenção para as mudanças reveladas neste artigo. A cultura gospel abriu caminho para novos mapeamentos no corpo cristão protestante, ou seja, para a criação de novas imagens, de novos padrões neuronais, ao mesmo tempo em que essa cultura também é consequência das mudanças que já se encontravam nos corpos desses fiéis, de modo consciente ou não. Isso é explicado pela teoria corpomídia, quando afirma que a comunicação ocorre por meio de “contaminação”, ou seja, como é impossível isolar o corpo do ambiente, faltalmente as informações contaminam um e outro, ainda que essas trocas sejam feitas de modos restritivos.

Durante muitas décadas, os valores das igrejas protestantes mais conservadoras predominaram sobre as mais liberais, modo pelo qual definiam uma imagem de corpo que se caracterizava pela via negativa, por tudo aquilo que ela se negava a aderir e tirava os fiéis de circulação dos ambientes sociais comuns a todos aqueles que não fossem adeptos de suas denominações religiosas. Hoje isso parece ter se invertido, com a explosão gospel as igrejas mais liberais neopentecostais promovem uma outra imagem de fiel, que se aproxima dos valores socioculturais presentes no Brasil.

No entanto, o mapeamento de novos padrões neuronais, ou seja, de novas imagens, bem como a produção de novos comportamentos, não exclui de imediato nem completamente os valores anteriores, nos quais esses crentes, agora evangélicos, foram formados e é nessa tensão que a dança opera para a construção dessa nova imagem.

#### **4.0 – O Papel da Dança na Transformação da Imagem do Corpo Cristão Protestante**

A dança entra nas igrejas justificada pelo papel de adoração, de prestação de louvor a Deus, em alusão ao retorno dos princípios da cultura judaica presentes no cristianismo.

Outro destaque a ser feito é que, apesar de haver marcante crescimento na prática da dança, seja em cultos, seja eventos religiosos – realizados em espaços públicos ou mesmo em teatros e festivais de dança de caráter religiosos ou não; foi com a denominação de coreografia que ela entrou nas igrejas, pois as mais conservadoras não permitem ou restringem a prática da dança.

A coreografia e a dança, nas igrejas protestantes ou em seus contextos históricos, têm implicações que se diferem, apesar de atualmente muitos as tratarem como sinônimos. De maneira sucinta podemos dizer que a coreografia é uma forma de organização do movimento no espaço, que não necessariamente implica envolver uma linguagem da dança, ao mesmo tempo em que uma dança pode ser feita sem que haja coreografia. (FOSTER 2011; KATZ 2009) Entre as igrejas protestantes mais conservadoras, a coreografia difere-se da dança, porque não traz os conteúdos do “mundo”, ou seja, do pecado que essa última carrega.

(...) Dentro do meio evangélico, há muitas dúvidas quando se fala em grupo de coreografia e grupo de dança. Talvez, na tentativa de não “chocar” com a palavra *dança*, adotamos *coreografia* como um estilo que significa, assim, algo mais ameno e sem grandes movimentos; mais gestual. (GUALBERTO, 2007, p. 67)

Aqui restringimos nossa abordagem e reflexão para aqueles evangélicos que admitiram praticar a dança, dentro ou fora dos cultos das igrejas. O que pretendemos é refletir sobre qual é o papel da dança na transformação da imagem desse cristão e como a divulgação dessa nova imagem, nas mídias, altera os mecanismos de comunicação do discurso puritano na igreja e na sociedade.

Durante o período desta pesquisa tivemos a acesso a diferentes fontes que incluem revisão bibliográfica específica, análise de vídeos, entrevistas e pesquisas de campo.

Mesmo sob o guarda-chuva do louvor e da adoração como justificativa, pudemos identificar três finalidades básicas dessa prática: o caráter de entretenimento ou evangelizador, durante o culto dentro das igrejas, ou em espaços públicos com o

propósito único de obter mais adeptos para as suas denominações, a intenção de criar uma experiência emotiva e individual com divino, de preferência ao envolver toda a congregação; e; por último; as aspirações artísticas dos grupos. Nos dois últimos casos existem outros fatores que devem ser observados.

A principal preocupação dos adeptos da dança, nos protestantismos, é mantê-la, pois apesar da sua expansão esta ainda é uma prática fragilizada pelos conflitos que lhe são iminentes. Dentre essas finalidades da dança identificadas, a primeira parece ser a menos problemática, pois basicamente garante o direito conquistado ao prazer e a crescente perda da via negativa que reprimia o corpo desse cristão. Além disso, cumpre-se o papel de divulgar para a sociedade a imagem de um evangélico mais flexível.

Em relação às outras finalidades é necessário traçar algumas considerações:

- primeiramente, devemos lembrar que – como qualquer outra linguagem – a dança e sua forma de organização, ou seja, as opções estéticas que ela toma, também produzem experiências e constroem conhecimentos pautados em ideias e ideologias de mundo. Cabe saber quais são as ideias com as quais dialogam os fiéis protestantes ao escolherem determinadas práticas de danças.
- outro aspecto relevante é quanto à formação de dança de seus praticantes nas igrejas, pois a maioria não tem conhecimento específico na linguagem. Apesar de já registrarmos mudança considerável nesse quadro, isso se torna um problema maior quando há intenção de comunicar alguma mensagem de conteúdo evangélico, uma vez que os intérpretes não possuem recursos, nem vocabulário adequado para essa finalidade. Além disso, a maioria dos membros das igrejas não está acostumada com os códigos da dança, o que dificulta a interpretação. A solução encontrada para resolver esse problema é fazer coreografias que ilustrem as letras das músicas, o que não permite que a dança seja uma linguagem autônoma; é apenas pano de fundo na ordem hierárquica que a palavra tem nesse ambiente.

As formas de expressões de dança, encontradas nas igrejas, são coreografadas ou as chamadas “espontâneas”, melhor seria dizer improvisadas; e, mesmo entre representantes, membros de igrejas e pesquisadoras da dança, há controvérsias de opiniões sobre essa questão.

Isabel Coimbra (2005), principal referência no Brasil da dança no cristianismo protestante, pesquisadora em dança contemporânea pela Universidade Federal de Minas Gerais e dirigente da Mudança: Cia de Dança e Artes Cênicas desde de 1997, membro da Igreja Batista de Lagoinha, afirma que a dança de louvor e adoração é uma total entrega à vontade de Deus, e o corpo deve mover-se espontaneamente para exaltar a Ele; assim, a ação deixa de ser simples apresentação artística, pois o importante é que a igreja possa ser envolvida durante essa manifestação. Para ela é essencial que esse dançarino seja, antes de tudo, um cristão convertido (protestante), porque do contrário ele profanará a dança.

A dança no louvor e na adoração não é uma prática corporal por ela mesma, muito menos uma exibição artística como complemento na liturgia. A dança, neste contexto, é parte integrante do louvor como um todo. Nela, a essência de total entrega do adorador se manifesta por uma espontaneidade responsiva, trazendo toda a congregação para momentos de júbilo, libertação e restauração na presença de Deus. (COIMBRA, 2005, p.69)

Gualberto (2007) bacharel e licenciada em dança pela UNICAMP, membro da Mocidade para Cristo no Brasil, acredita que as formas de dança para adorar a Deus devem ser pensadas; problematiza sobre o cuidado na escolha das estéticas utilizadas, a fim de comunicar-se dentro das igrejas. Para ela a espontaneidade da dança poderia limitar a maneira de adoração.

Dança de adoração! Que equívoco fazer essa distinção! Não existe uma dança específica que possa ser chamada de dança de adoração. Existem danças, por meio das quais podemos adorar a Deus. E esse é um ponto de extrema importância que deve ser tratado no seu grupo e deve sempre ser lembrado durante o ministério. (GUALBERTO, 2007, p.12)

Na primeira abordagem que relaciona dança e adoração, a ideia de corpo parece ir ao encontro da concepção de que o corpo é propriedade de Deus e, por isso, é tido como meio; na segunda, demonstra uma participação clara do fiel ao direcionar sua experiência com o divino.

Como o protestantismo no Brasil nunca teve por hábito utilizar a dança, como forma de conexão com o divino, como ocorre em muitas outras religiões, ele importa os códigos de danças, criadas em ambientes fora das igrejas; e, quando não há conhecimento dos códigos presentes naquela linguagem, as possibilidades de

ressignificação ficam restritas e podem causar divergência muito forte de tipos de discursos: o interno e o externo às igrejas.

A maioria das estéticas praticadas entre os membros das igrejas são de referências europeias e estadunidense, como a dança clássica, a dança moderna e o hip-hop; referências às estéticas, associadas mais especificamente às danças produzidas no Brasil, como as danças de roda, de boi ou congados não foram encontradas. Pode-se inferir disso que, de certo modo, mesmo libertos da soberania da palavra, os protestantismos ainda privilegiam os aspectos das culturas dominantes; e, assim, a globalização foi o momento propício para que o puritanismo pudesse melhor se adaptar, pois a permeabilidade das fronteiras culturais deram guarida ao neoliberalismo no qual ele tem fortes raízes.

O ambiente em que a dança ocorre, difere no modo como a dança é expressada. Grupos independentes formados fora das igrejas com membros de diferentes denominações, parecem ter mais liberdade para vivenciar a experiência da dança e vislumbrar outras conexões, entre movimento e espiritualidade. A crítica que fazemos a esses grupos é que a maioria deles, para manter-se, atuam em festivais de danças competitivos<sup>6</sup>, o que também impõe limites às formas de atuação.

Diante das observações apontadas neste artigo, pode-se concluir que a manifestação da dança entre os cristãos protestantes é uma mudança radical de entendimento de corpo, porque parece romper com valores cruciais das igrejas, como as definições de santidade e também por flexibilizar a distância entre os valores socioculturais do Brasil.

A dança abala ainda outro ponto importante para o cristianismo protestante, pois desloca a construção de conhecimento pelas mídias primordialmente racionais da palavra, através dos sermões e da música e usa o movimento dançado como mídia, que possibilita outras vias de organização de conhecimento. Por esse prisma, a dança de fato pode proporcionar relações mais maleáveis entre os fiéis, dentro e fora da igreja:

---

<sup>6</sup> Para mais aprofundamentos sobre o assunto ler: Helena Katz. Competir e educar o desafio do festival (2014): disponível em: <http://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz21372079837.pdf> - acessado em abril de 2014.

Ao romper com a soberania absoluta da tradição oral e trazer o discurso da dança para a igreja, o protestantismo se coloca novamente em uma encruzilhada entre dois caminhos por onde prosseguir. A ação de dançar, quando não ocorre pela submissão do corpo a modelos prontos, pode estimular uma boa escuta, pode estimular a relação com o outro no aprender a conduzir e a ser conduzido, pode treinar a sabedoria da adaptação às condições espaciais, sabendo diminuir ou expandir deslocamentos, e também exercita a flexibilidade e a maleabilidade, o desarticular-se para articular-se novamente. Ou seja, a ação de dançar possibilita, sim, a construção de sujeitos com mais autonomia – o que, em alguns contextos, pode se constituir em ameaça. (SALLES, 2014, p. 152)

Entretanto, vale ressaltar que:

a dança também pode atuar na reafirmação de regras, sejam elas oriundas do discurso puritano conservador ou de padrões de dança já consolidados e sedimentados pelos ambientes a que pertencem. Nos dois casos, ela se configurará como meio de docilização do corpo. (SALLES, 2014, p. 152)

Damásio (2011) diz que, em tempos de reflexão sobre os caminhos da era digital, cabe atentar para os processos de funcionamento do cérebro, mais especificamente para os processos de construção da consciência. Devemos perguntar quais mapeamentos legaremos a ela; e, conseqüentemente, que heranças culturais serão gestadas?

Como o desenvolvimento de uma e outra ocorrem em processos interativos, é preciso sensibilidade para saber se essa nova imagem de corpo cristão é imbuída de outra forma de repressão ou se, de fato, libera experiências cognitivas, psicológicas, sociológicas... entre fiel e igreja, bem como é motivo de aproximação dos valores dessa última com outras vozes da sociedade. Desse modo, todas as crenças são fortalecidas e podem ser respeitadas.

#### **Referências:**

ALVES, Rubem. (1982) **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática.

BOUCIER, Paul (2001). **História da dança no ocidente**. Tradução Marina Appenzeller. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes.

BRETON, David Le. (2003). “Adeus ao corpo”. In: **O homem – máquina: a ciência manipula o corpo**. Org. NOVAES, A. São Paulo: Editora Companhia das Letras.

COIMBRA, Isabel (2005). **Louvai a Deus com danças**. 4.ed. Belo Horizonte: Diante do Trono Publicações.

COMISSÃO Permanente de Doutrina (2013) – **Estudo coreografia**. Departamento de Música e Artes Igreja Adventista da Promessa. <http://www.adoracaoirresistivel.com/wp-content/uploads/2013/03/Estudo-sobre-Coreografia.pdf>. Acesso em fev.2014.

CUNHA, Magali do Nascimento (2004). **Vinho novo em odres velhos. Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil**. [Doutorado] São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo,. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-29062007-153429/>>. Acessado em Maio de 2013.

DAMÁSIO, Antonio (2011) **E o cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das Letras.

FLAIBAM, RODRIGO (2002) – **Corpo e alma: unidade fundamental na pluralidade da pessoa humana**. Monografia apresentada como conclusão do curso de Teologia e Ciências Religiosas do Centro de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Disponível em: <http://firmatfides.files.wordpress.com/2011/12/corpo-e-alma-unidade-fundamental-na-pluridade-da-pessoa-humana.pdf>. Acesso em jan.2014.

FOSTER, Susan Leigh (2011) **Choreographing empathy: kinesthesia in performance**. London-New York: Routledge.

GESCHÉ, Adolphe. (2009). A invenção cristã do corpo. In: **O Corpo, caminho para Deus**. Orgs. GESCHÉ, Adolphe e SCOLAS, Paul. São Paulo: Loyola.

GOMES, Antonio. (2006) As representações sociais do corpo e da sexualidade no pensamento da reforma do século XVI **Revista Âncora** vol.I. Disponível em: <http://www.revistaancora.com.br/>. Acesso em ago.2012.

GUALBERTO, Carolina. (2007). **Dança: o que estamos dançando? – por uma nova dança na igreja**. São Paulo: Hagnos.

GREINER, Christene & KATZ, Helena. (2001). “Corpo e processo de comunicação”. **Revista Fronteiras**. Estudos midiáticos. vol.III. no. 2. dez. <http://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz71314110790.pdf>. Acesso em nov.2012.



- GREINER, Christina (2005) **O Corpo**: pistas estudos indisciplinares. São Paulo: Annablume.
- KATZ, Helena e GREINEIR, Christine. (2003). “O meio é a mensagem: porque o corpo é objeto de comunicação”. **Revista Compós**.
- KATZ, Helena (2006) **Todo corpo é mídia**. Com Ciência - Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=11&id=87> Acessado em Junho de 2012.
- \_\_\_\_\_ (2008). “Por uma teoria crítica do corpo”. In: **Corpo e Moda**: por uma compreensão do contemporâneo. Orgs. OLIVEIRA, Ana Claudia e CASTILHO, Kathia. Barueri. SP: Estação das Letras e Cores.
- \_\_\_\_\_ (2009) **Toda a coreografia é social: pensando a relação entre hip hop, mídia e comportamento** In: Org. ABRACE - V Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Editora ABRACE.
- \_\_\_\_\_ (2014) **Competir e educar o desafio do festival**: disponível em: <http://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz21372079837.pdf> - acessado em abril de 2014
- MAMI, Lorenzo (2003). “O espírito na carne: o cristianismo e o corpo”. In: **O homem – máquina**: a ciência manipula o corpo. Org. NOVAES. A. São Paulo: Companhia das Letras.
- MENDONÇA, Antônio & VELASQUES FILHO, Prócoro. (2002). **Introdução ao protestantismo no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Loyola.
- MENDONÇA, A. (1995) **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Bernardo do Campo. SP: Editora IMS – Instituto Metodista de Ensino Superior.
- \_\_\_\_\_ (2008) **Protestantes, pentecostais e ecumênicos**: o campo religioso e seus personagens. São Paulo: Metodista.
- SALLES, Paula. (2014). **A nova comunicação do corpo cristão: a transformação do corpo sagrado na mídia**. Dissertação de Mestrado do Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.